

# Realismo e sangue-frio

**O** Brasil tem consistência política e econômica para vencer a crise, disse o ministro das Finanças da Itália, Carlo Azeglio Ciampi, presidente do Comitê Interino do Fundo Monetário Internacional (FMI), um organismo político de cúpula. "Não se deve dar excessiva importância às oscilações do câmbio", disse o ministro. "O importante", acrescentou, "é a manutenção da política econômica e que o país responda às orientações do governo". Pessoas atingidas pela turbulência, ou muito próximas de seus efeitos, acharão difícil dar menor importância às oscilações do câmbio, às vezes brutais. O nervosismo produzido por essas oscilações será tanto mais forte quanto maior a dificuldade de compreender os lances da crise. As palavras de Ciampi, no entanto, são muito mais que o comentário construtivo compatível com sua posição. Não se superam terremotos financeiros de um dia para outro e continua a haver perigos, disse o economista, mas é preciso levar em conta a experiência e também as características do Brasil.

Ao mencionar, como condição de êxito, a manutenção da política econômica, Ciampi referiu-se, implicitamente, ao esforço de correção dos problemas fiscais. Dois dias antes, falando no Congresso norte-americano, o presidente do Banco Central dos Estados Unidos (Fed), Alan Greenspan, havia

feito comentário semelhante: a economia brasileira tem bons fundamentos e o problema do País é essencialmente fiscal.

Mais que o consenso de figuras com responsabilidade internacional, empenhadas em evitar o agravamento da crise, os comentários de Ciampi e de Greenspan revelam familiaridade com a condição brasileira e realismo na avaliação da crise. Esse realismo inclui uma visão de prazo mais longo. Havia 12 meses, disse o ministro italiano, Tailândia e Coréia do Sul enfrentavam dificuldades enormes, mas em um ano conseguiram recuperar terreno e mudar de forma radical sua situação. Ninguém pode prever com certeza quanto tempo a turbulência vai durar no Brasil. Durante algum tempo, a insegurança e a especulação poderão manter muita agitação no mercado.

Com o tempo a taxa de câmbio tenderá a estabilizar-se em nível que o mercado considerar apropriado às condições objetivas da economia brasileira. Aquelas condições elogiadas por Greenspan e Ciampi. Então, os aplicadores e investidores voltarão a operar normalmente no mercado, talvez até mais tranquilamente do que

antes da crise, porque o risco da depreciação terá sido superado.

É preciso pagar um preço mais ou menos pesado pelo ajuste, lembrou numa entrevista ao repórter Vladimir Goitia, da *Agência Estado*, o economista Pedro Sainz, diretor da Divisão de Estatística e Projeções Econômicas da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), referindo-se ao que aconteceu no Chile e no México, depois das desvalorizações de suas moedas. Superada a

turbulência, o Chile entrou numa fase de firme expansão, tornando-se um modelo de crescimento com estabilidade fiscal e monetária. No caso chileno, houve dois anos muito duros de ajustamento. Em 1982 – ano da desvalorização –, o PIB diminuiu 12% e o desemprego chegou a 30% da força de trabalho. Em 1983 a situação começou a melhorar. Em 1986 o crescimento superou 5% e em 1989 estava em 10%. A recuperação mexicana foi mais veloz. Depois de uma contração de 6% em 1995, o PIB aumentou 5,5% em 1996 e 7% em 1997. O México recebeu, na época da crise, um enorme pacote de ajuda externa. O Brasil tem a vantagem, na comparação com o Chile de 1982, de um sistema finan-

ceiro basicamente sólido e ajustado. O sistema financeiro chileno estava em frangalhos, lembrou Sainz. Além disso, o governo brasileiro tem avançado na solução do principal problema, o fiscal, e este fato vai ter o devido peso nas decisões do mercado, em algum momento. A recuperação brasileira poderá, portanto, ser mais veloz que a do Chile na década passada, admite o economista da Cepal. Mesmo porque, dizemos nós, as condições da economia brasileira, hoje, são incomparavelmente melhores do que as da economia chilena em 1982.

**Se o governo mantiver o rumo, a especulação vai amainar e a reação virá em base mais sólida**

Não se trata de fazer previsões mais ou menos otimistas, mas de pesar os fatos de importância duradoura. A especulação tende a se esgotar, se o governo souber conduzir-se com prudência. Isso exige certa frieza e visão de longo alcance, qualidades opostas às demonstradas por políticos da base governamental, quando deram prazo de 90 dias à equipe econômica para vencer a crise, baixar os juros e eliminar o cenário recessivo. Esse tipo de atitude só pode atrapalhar, num momento como este.